

FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UFMG

RENATA CRISTINA BRAGANÇA

**AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES DE
PROFESSORAS SOBRE O PROCESSO AVALIATIVO NO
BERÇÁRIO**

Belo Horizonte

2013

RENATA CRISTINA BRAGANÇA

**AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES DE
PROFESSORAS SOBRE O PROCESSO AVALIATIVO NO
BERÇÁRIO**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Infantil.

Orientadora: Luciana da Silva de Oliveira

BELO HORIZONTE

2013

*Às crianças.
Elas devem ser o princípio e o fim de tudo.*

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a Deus por sua imensa misericórdia, por me capacitar, encorajar e fortalecer, pois sem a sua permissão, proteção e provisão, não teria alcançado meu objetivo.

Aos meus pais, irmãos, sobrinhos e a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até o fim deste caminho. Valeu galera, eu venci!!!

À minha instituição que sempre se mostrou disponível e imbuída na concretização deste trabalho, compartilhando do mesmo ideal, e por também acreditar na importância do tema para minha prática docente, bem como para a educação infantil como um todo, contribuindo para o sucesso desta empreitada.

Às professoras que atuam no berçário, que contribuíram ricamente com suas experiências e, em especial, aos bebês que foram razão desta pesquisa. Durante toda a trajetória mostraram suas capacidades, especificidades e que são sujeitos que merecem toda nossa atenção e busca.

Faço uma menção especial a minha querida orientadora Luciana da Silva de Oliveira por sua valiosa assistência neste projeto e pela condução amorosa, de muito conhecimento, competência a cada uma de suas orientandas. Obrigada por me resgatar em meio a um mar revolto de dúvidas...

Às colegas, professores e coordenadoras do curso. Guardarei lembranças dos bons momentos e dos ensinamentos.

E, para finalizar, agradeço de coração a todos que de alguma maneira contribuíram para a concretização de mais esta conquista.

Obrigada!

RESUMO

Este trabalho foi realizado com o objetivo de conhecer a visão das professoras do berçário sobre o processo avaliativo das crianças desta turma. O interesse pelo estudo da temática se dá, pelo fato de a avaliação no berçário se constituir em um desafio que merece aprofundamento teórico, discussões e reflexões e, também, por ser uma etapa educativa onde o eixo do cuidar se sobrepõe ao eixo do educar. Diante disso, as ações pedagógicas ficam minimizadas dificultando, assim, o processo avaliativo. Para esse estudo, alguns procedimentos metodológicos foram adotados: primeiramente realizei entrevistas exploratórias com uma amostra composta por três professoras, atuantes no berçário. Posteriormente foi realizado um trabalho de formação com mais 35 professores das várias turmas de uma Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI), do município de Belo Horizonte. Nas entrevistas e, depois, na formação realizada, as professoras foram indagadas sobre a concepção de avaliação, as práticas e os instrumentos avaliativos adotados e foram convidadas a uma reflexão. Os achados foram analisados à luz de contribuições teóricas, especialmente Hoffmann, uma das maiores especialistas em avaliação educacional do país e que desenvolve estudos e pesquisas sobre avaliação mediadora há mais de duas décadas. É essa autora quem me auxilia no entendimento de que a avaliação na educação infantil se dá de maneira diferenciada e sob um olhar sensível e reflexivo sobre o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Os achados me levaram a concluir que a avaliação não é uma ação neutra, está imersa em diversas concepções e a ação docente será influenciada por concepções de criança, infância, de educação, de cultura e de aprendizagem, que orientam o dia a dia das instituições.

Palavras-chave: avaliação, berçário, concepções.

ABSTRACT

This work was carried out in order to know the vision of nursery teachers about the evaluation process of the children in this class. The interest in this subject is arises because the evaluation in the nursery constitute a challenge that deserves theoretical study, discussions and reflections and also for being an educational stage where care axis overlaps educating axis. Therefore, pedagogical actions are minimized, and the evaluation process was hampered. For this study, some methodological procedures were adopted: first, I've conducted exploratory interviews with a sample of three nursery active teachers. Subsequently, a job training was conducted with 35 teachers of the various classes of a Municipal Unit Childhood Education (Umei), in Belo Horizonte city. In interviews and then, during the training, the teachers were asked about the evaluation conception, practices and evaluation instruments adopted and were invited to a reflection. The findings were analyzed in the light of theoretical contributions, especially Hoffmann, one of the leading experts in educational assessment of the country that develops studies and research on mediating review for more than two decades. It is this author who assists me in understanding that the evaluation in early childhood education takes place in a different way and in a sensitive and reflective look at children's development and learning. The findings have led me to conclude that the evaluation is not a neutral action, it is immersed in diverse conceptions and teaching action will be influenced by conceptions of child, childhood, education, culture and learning that guide the everyday life of these kind of institutions.

Key-words: Evaluation, nursery, conceptions.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1- EM BUSCA DO ESTADO DA ARTE: AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	12
2- METODOLOGIA	17
3- DISCUSSÃO DOS ACHADOS	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

Meu nome é Renata Cristina Bragança, e a seguir vou contar um pouco de minha trajetória escolar e profissional em relação à educação. As fases mais marcantes da minha vida desde a infância até a fase adulta.

Posso dizer que minha infância foi ótima, morava em uma casa com um quintal enorme, que era palco de muitas brincadeiras e aventuras. Talvez comece daí, a ideia ou a história de hoje ser uma professora de crianças pequenas.

Minha experiência inicial, ou seja, meus primeiros anos de vida escolar, foram marcantes, pois tive ótimas professoras e a escola onde fiz o primário era muito boa. Este período foi um tempo onde fiz muitas amizades e guardo muitas recordações.

Sempre estudei em escolas públicas, do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. Concluí o curso de Magistério no ano de 1993 em uma escola Municipal de Belo Horizonte, da qual também guardo boas lembranças devido aos ótimos profissionais que conduziram e ministraram aquele excelente curso de profissionalização. E, desde então, pude ter a certeza de qual caminho queria seguir: seria uma professora e me dedicaria a esta missão futuramente.

Dois anos depois iniciei o curso de Pedagogia em uma instituição Particular de Ensino, pois acreditava que precisaria me graduar na área para ser uma profissional competente, para ter uma boa qualificação e um lugar no mercado de trabalho. Nesta faculdade aprendi muitas coisas, fiz o estágio obrigatório podendo vivenciar a teoria na prática e estar cada vez mais certa de minha opção profissional.

Com a Pedagogia, aprendi que o segredo está no olhar, que o professor junto de seus alunos tem que aprender a aprender e que valorizar o aluno não é dar boas notas, mas reconhecer sua bagagem, sua história, fazer com que a aprendizagem seja significativa e não somente aplicar conteúdos que na realidade não têm uma ligação com o cotidiano do mesmo. E na educação infantil isto se torna possível, um tempo sem tempo, sem cobranças de notas ou conceitos, repleto de significados, onde o aprendizado acontece pelas interações e brincadeiras. E isto me impulsionou a buscar novas conquistas educacionais.

Quando tive a oportunidade de me aperfeiçoar e me especializar neste segmento, não tive dúvidas, era o meu maior desejo fazer parte do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, o DOCEI, oferecido pela Faculdade de Educação, da Universidade Federal de

Minas Gerais (FaE/UFMG). Acreditei que o curso oferecido seria sério, munido de ótimos profissionais, que comungariam do mesmo ideal de pesquisar e estudar sobre da Educação Infantil assim como eu, e esta com toda certeza tem sido uma das melhores experiências da minha vida.

Leciono desde 1994, sempre na Educação Infantil, e aprecio trabalhar com crianças pequenas, fazer parte da construção de sua identidade, enfim fazer parte de sua formação. No entanto, algumas questões sempre foram alvo da minha busca e inquietação, talvez pelo fato de não estarem claras, bem definidas neste segmento da educação. E um dos grandes entraves deste segmento se encontra no aspecto da avaliação. Sabemos que cada instituição realiza este processo de acordo com as orientações da coordenação pedagógica, direção e grupo de professores que ali atuam, nem sempre existindo uma concepção clara e definida de como deveria ser este processo nas instituições de Educação Infantil.

Durante este percurso trabalhei com crianças de todas as idades, de zero a seis anos como regente, também tive a oportunidade de estar na função de coordenadora pedagógica durante dois anos em uma Unidade Municipal de Educação Infantil. Foi um tempo de muito aprendizado e pude ter outra visão na educação, tanto nas dimensões pedagógica como administrativa. Fazia formações com as educadoras, e a queixa era sempre a mesma: como seria realizada a avaliação das crianças, quais ferramentas e estratégias seriam utilizadas, enfim, a maneira como estávamos avaliando seria de fato a mais adequada, contemplaria as demandas e especificidades das crianças? No exercício de coordenar aquele grupo de professoras pude ver mais de perto este dilema, a tamanha dificuldade em realizar o processo avaliativo, as dúvidas, as inseguranças por qual caminho seguir, e este fato se tornava mais visível nas turmas de período integral. Como avaliar crianças do berçário, por exemplo? E esta sempre foi também a minha preocupação como professora das crianças de quatro e cinco anos, pois não sabíamos exatamente como avaliar, ou pensávamos que da forma como cada uma fazia em sua prática era adequado.

Por isto percebo a urgência e a necessidade de uma pesquisa com a temática em questão com o objetivo de aprofundar as reflexões sobre o tema e também de elucidar e fazer com que os professores tenha clareza da especificidade deste processo avaliativo de crianças tão pequenas. Minhas expectativas são as melhores e não medirei esforços para que a minha pesquisa seja

objetiva e aponte possibilidades de ação e intervenção na unidade em que atuo e seja um referencial para os demais ciclos.

Penso que consegui mostrar um pouco de minha trajetória. Tenho um longo caminho a percorrer, aprender, e a cada dia, com as trocas e interações com as crianças com as quais vou interagir, muito ainda vou descobrir, ter a contar e registrar nesse livro de minha vida pessoal e profissional.

O estudo sobre o tema avaliação não é um assunto novo, pois sabemos que a avaliação perpassa por todos os segmentos da educação e sempre estará na pauta das discussões, em qualquer esfera, desde a educação infantil até o ensino superior. Porém, pesquisar sobre as práticas pedagógicas que determinam a avaliação no âmbito do berçário e mais, qual a visão das professoras que atuam neste segmento sobre o tema em questão, é o que motivará e direcionará a trajetória desta pesquisa.

Diante disso, pretendo entender: em que consiste o processo avaliativo no berçário, na visão das professoras que atuam neste segmento? Para tanto, buscamos identificar como ocorre o processo avaliativo no berçário, bem como quais os aspectos do desenvolvimento dos bebês são importante de serem avaliados, e por fim apontar estratégias que ampliem os instrumentos de registro e avaliação das crianças no âmbito do berçário.

Pressuponho que a concepção do trabalho realizado nos berçários muitas vezes compreende como polaridades as ações de cuidar e educar, que, nos Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil (BRASIL, 1998), se apresentam indissociáveis e que os professores, ao realizarem as propostas de atividades e organizarem o espaço físico, pouco consideravam a característica da faixa etária com a qual trabalham. É necessário que os professores que atuam neste segmento, traduzam todo conhecimento teórico-científico adquirido em competências práticas que, de fato, propiciem condições favoráveis, considerando as singularidades da etapa, para que a criança pequena avance em suas aprendizagens.

Nos próximos capítulos serão abordados: 1) o estado da arte que busca identificar e analisar as pesquisas sobre o processo de avaliação na Educação Infantil, abordando especificamente a avaliação no âmbito do berçário; 2) a metodologia desenvolvida e sua fundamentação na pesquisa-intervenção. Dessa forma, foi necessário pesquisar, junto a professoras de educação infantil, como elas entendem o processo de avaliação na educação infantil, especificamente no

âmbito do berçário; 3) discussão dos achados, dos dados coletados durante o trabalho de campo à luz dos referenciais teóricos; e, último, as considerações finais sobre a pesquisa acerca das concepções das professoras do berçário sobre o processo avaliativo no berçário.

1- EM BUSCA DO ESTADO DA ARTE: AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O presente estudo pretende analisar as pesquisas sobre o processo de avaliação na Educação Infantil, abordando especificamente a avaliação no âmbito do berçário. E assim, constitui-se um estado da arte, como a reunião de produções acadêmicas já existentes para posteriormente elaborar uma pesquisa que ainda será desenvolvida.

O objetivo é melhor compreender o tema em questão, uma vez que se trata de um assunto amplo e complexo, e também por atuar no segmento da Educação Infantil, nível educacional em que o processo de avaliação está em muito indefinido. É preciso desenvolver uma avaliação que considere as crianças pequenas em sua essência, de acordo com suas especificidades. Neste processo de busca do estado do conhecimento, considerei artigos e teses, consultados pela Internet e na leitura de livros que contemplam a temática.

Para tanto, busquei apoio nos trabalhos apresentados no Grupo de Trabalho (GT) 7 – Educação de crianças de 0 a 6 anos da ANPED (Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação). Obtive como resultado um trabalho que tratava a temática Avaliação na Educação Infantil.

O *site da Scientific Electronic Library Online*, mais conhecida como Scielo, também se constituiu em mais uma grande e aliada ferramenta de pesquisa, onde encontrei referência de um trabalho sobre qualidade na Educação Infantil, no publicado em 2006.

A partir dos achados descritos e também de uma busca em livros e revistas que contemplam o tema, concluo à configuração do estado da arte sobre avaliação na Educação Infantil, exposto na tabela a seguir:

Tabela 1	
Fonte pesquisada	Nº. Achados
ANPED	01
Livros sobre tema Avaliação (Geral)	05
Livro sobre o tema específico (Educação Infantil)	02
Revista	02
Scielo	01
Total	11

De acordo com a Tabela 1, posso concluir que contamos com um número reduzido de produções acadêmicas sobre o tema avaliação na Educação Infantil. No entanto, tais produções, em sua grande maioria, decorrem de pesquisas abordando o tema avaliação de modo geral e não especificamente na Educação Infantil. Tal nível de ensino é recente e, por este motivo, necessita ainda de muitas discussões a respeito.

A avaliação no âmbito do berçário, especificamente, e que é objeto de estudo de minha pesquisa, é um tema que ainda não apresenta uma concepção clara e segura de um ideário em avaliação para esta faixa etária, gerando muitas dúvidas no meio educacional exigindo estudos e reflexões. Diante dos resultados de minha busca, registro algumas considerações a partir de uma leitura inicial.

Uma das produções que mais se aproximou do meu tema de pesquisa, o texto de Jussara Hoffmann (1996), intitulado “Avaliação na Pré-escola: Um olhar sensível e reflexivo sobre a criança”. Neste texto a autora faz um convite ao professor para ter um olhar sensível e reflexivo sobre a criança e sobre a avaliação em Educação Infantil com o objetivo de resgatar o sentido essencial de acompanhamento do desenvolvimento da criança e suas especificidades, bem como refletir sobre as crianças em seu dia a dia e, com base nisto, direcionar sua prática pedagógica.

Também é discutido o distanciamento do significado da avaliação, em toda a sua dimensão e complexidade neste segmento, e as propostas que temos hoje nas instituições. Menciona ainda o papel da família que mudou de postura em relação à escola assistencialista e passa, então, a exigir propostas pedagógicas diferenciadas.

Hoffmann faz críticas ao modo como é realizado o chamado processo de avaliação nas instituições de Educação Infantil que adotam as fichas de comportamento e pareceres descritivos padronizados ao final dos bimestres, que não conseguem registrar de maneira real o universo infantil, o desenvolvimento e as ricas descobertas. E o que considero de suma importância ressaltar é que não é levado em consideração o fato de que oficialmente não há a exigência de padronização dessa avaliação neste segmento, o que permitiria possibilidades e modelos de avaliação com maior riqueza de informações sobre a criança e que pudessem, de fato, ressignificar a prática educativa, não esquecendo o seu contexto, sua realidade, bem como as concepções de criança.

Cabe destacar o livro “Avaliação Mito & Desafio” (1993), também de Jussara Hoffmann. No quinto capítulo, especificamente, “Avaliação na Educação Infantil?”, a autora enfatiza as maneiras peculiares e diferenciadas da criança vivenciar as situações, de interagir com objetos do mundo físico e sobre a velocidade que acontece seu desenvolvimento.

A cada minuto as crianças realizam novas descobertas, ultrapassando as expectativas do adulto, possuindo um modo próprio de agir em suas brincadeiras e expressões e o professor deve estar atento a essas manifestações, repletas de significados, que tornam-se ferramentas essenciais para direcionar e dar continuidade ao seu trabalho.

É muito importante, segundo autora, considerar dois aspectos no tocante a avaliação que são: I) a percepção clara de que as expectativas do professor podem não corresponder às formas peculiares e próprias de a criança responder às situações e, II) o acompanhamento do processo de construção do conhecimento ocorre pela observação e reflexão permanente sobre as manifestações das crianças.

Para Hoffmann (1991) a ação avaliativa na Educação Infantil deve ser contrária a uma concepção de julgamentos de resultados, mas pautada nas possibilidades próprias das crianças, valorizando as suas manifestações.

Outro aspecto abordado por Hoffmann (1991) diz respeito às negações que se perpetuam na Educação Infantil no tocante à avaliação. O que realmente acontece hoje, em termos de avaliação, desconsidera a criança como centro da ação avaliativa. O acompanhamento e as observações da criança em suas descobertas são realizadas, porém, quando se registra aspectos do seu desenvolvimento, em geral, é para apresentar resultados aos pais ou por necessidade de registros e exigências escolares. Os resultados não têm por objetivo subsidiar a ação educativa no seu cotidiano, permanentemente, voltada à criança. Os pareceres descritivos representam registros de observações superficiais e apreciações subjetivas do professor, seguindo uma lista de aspectos e comportamentos elaborados ou compreendidos pelas instituições.

Percebo que, desta forma, o processo avaliativo que temos hoje, é desconectado do cotidiano da criança, com uma prática desvinculada da realidade, que não considera verdadeiramente a criança em suas necessidades concretas, mas enfatiza e reforça o registro puramente de caráter obrigatório e endereçado aos pais.

Concordo quando a autora afirma que os registros de avaliação que não se referem à criança em seu desenvolvimento pleno e que os mesmos necessitam ser repensados seguindo uma visão de fazer com que a criança se torne centro de toda e qualquer ação, assegurando na Educação Infantil um clima sem tensões e limitações, confiando nas possibilidades de as crianças se desenvolverem e vivenciarem as situações de forma própria e diferenciada da do adulto.

Outro livro de Hoffmann, de 2007, que compõe o estado da arte é “Entre claros e escuros da avaliação- Avaliação formativa ou avaliação mediadora? A autora nos faz refletir, primeiramente, sobre a amplitude do conceito de avaliação e explica, detalhadamente, algumas concepções como a ação de avaliar efetiva-se em um conjunto de procedimentos didáticos que se estendem sempre por um longo tempo e ocorre em vários espaços escolares, via procedimentos de caráter múltiplo e complexo. A seguir, enfatiza que não se pode denominar por avaliação testes, provas ou exercícios (instrumentos de avaliação) e que muito menos se deve nomear por avaliação boletins, fichas, relatórios, dossiês dos alunos(registros de avaliação).

A autora destaca ainda que é válido compreender que métodos e instrumentos de avaliação estão fundamentados em valores morais, concepção de educação, de sociedade, de sujeito e menciona que, em primeiro lugar, é preciso pensar em como os professores concebem a avaliação antes de mudar metodologias, instrumentos de testagem e formas de registro.

Compreendo que se o professor não tiver esta postura e a considerar a importância do processo avaliativo e quão complexo ele é, especialmente no tocante à Educação Infantil, a avaliação perde seu sentido.

Outro achado foi o livro “Aprender e Ensinar na Educação Infantil” (1999), das autoras Eulália Bassedas, Teresa Huguet e Isabel Solé. No capítulo cinco, “A avaliação e a observação” são tecidas considerações sobre o tema que nos levam a uma reflexão sobre o planejar a avaliação, as estratégias e as situações utilizadas para tanto, que muitas vezes não consideram o ensino, as situações ou as atividades que vamos propor em sala.

Isto é muito sério, pois a avaliação que se faz na Educação Infantil, por exemplo, pode ter algumas consequências e influências decisivas no processo de aprendizagem e de desenvolvimento das crianças. Esse é outro tópico que nos leva a reflexão sobre as finalidades e as características da avaliação e sua pretendida ”objetividade”. As autoras analisam, ainda, os diferentes tipos avaliação (formativa / somativa) e as diferentes estratégias que podemos utilizar

para realizá-las, como uma proposta concreta de instrumentos que servem para guiar a observação e a avaliação. Por fim, valorizam os meios através dos quais se pode comunicar a avaliação a diferentes destinatários – pais, mães, professores, crianças, sempre propondo critérios e orientações a respeito.

Não foi encontrado nenhum trabalho que tenha pesquisado a avaliação com foco no âmbito do berçário. No entanto, encontrei alguns poucos trabalhos que tratam o processo avaliativo de crianças com idade entre zero e cinco anos e oito meses, ou seja, abordam o processo avaliativo de modo geral e de acordo com as necessidades e concepções dos sujeitos e instituições envolvidos.

Concluo, afinal que as práticas avaliativas, já na Educação Infantil, com crianças pequenas, tendem à exclusão e à classificação das crianças, cujo foco está nas habilidades e capacidades ainda não desenvolvidas. Ou seja, a tônica está na incapacidade, no que a criança ainda não sabe, enfim, no erro. No entanto, compreendo que a avaliação na Educação Infantil consiste no acompanhamento do desenvolvimento infantil e por isso, precisa ser conduzida de modo a fortalecer a prática docente.

É imprescindível compreender que avaliar a aprendizagem e o desenvolvimento infantil implica sintonia com o planejamento e o processo de ensino. Por isso, a forma, os métodos de avaliar e os instrumentos assumem um papel de extrema importância, tendo em vista que contribuem para a reflexão necessária por parte dos profissionais acerca do processo de ensino. E, nesse sentido, é preciso considerar que a ação docente é influenciada por pressupostos teóricos, neste caso, pelas tendências pedagógicas que se fazem presentes na rotina escolar de instituições educacionais infantis. Desse modo, pesquisar sobre o processo avaliativo no âmbito do berçário se torna para mim no sentido da busca, algo desafiador que requer muito estudo, discussão e, sobretudo, reflexão da prática.

Como vimos, a maioria das produções encontradas no estado da arte se volta para um processo mais geral e amplo diferentemente do meu foco que busca compreender qual a concepção de professores que atuam no berçário no que diz respeito ao processo de avaliação.

2- METODOLOGIA

Apresentação do conceito de pesquisa-intervenção

O tipo de pesquisa desenvolvida neste presente trabalho, cujo tema é a avaliação na educação infantil, é fundamentado na pesquisa-intervenção. Dessa forma, foi necessário pesquisar, junto a professores de educação infantil, como eles entendem o processo de avaliação na educação infantil, especificamente no âmbito do berçário. Para tanto, alguns procedimentos metodológicos foram adotados: primeiramente realizei entrevistas exploratórias com uma amostra composta por três professoras atuantes no berçário. Posteriormente foi realizado um trabalho de formação com mais 35 professores das várias turmas de uma Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI), do município de Belo Horizonte. Nas entrevistas e, depois, na formação realizada, as professoras foram indagadas sobre a concepção de avaliação, as práticas e os instrumentos avaliativos adotados e foram convidadas a uma reflexão. Ao final do processo as informações foram analisadas à luz de contribuições teóricas – especialmente Hoffman (1996; 2005; 2009).

Especificamente sobre os pressupostos metodológicos, é importante frisar que embora não exista uma única visão do que se entende por pesquisa-intervenção e se possa distinguir diferentes correntes dentro do assunto, abordarei, a seguir, algumas definições de suas linhas mais representativas.

Segundo Aguiar (2003) e Rocha (1996; 2001), a pesquisa-intervenção consiste em uma tendência das pesquisas participativas que busca investigar a vida de coletividades na sua diversidade qualitativa, assumindo uma intervenção de caráter sócio analítico.

Trata-se, afinal, de um processo contínuo que acontece no curso da vida cotidiana, transformando os sujeitos e demandando desdobramentos de práticas e relações entre os participantes. O fundamental neste tipo de pesquisa é que o conhecimento produzido esteja permanentemente disponível para todos e possa servir de instrumento para ampliar a qualidade de vida da população.

Na perspectiva de Oliveira e Oliveira (1985, p.66),

A pesquisa-intervenção é compreendida como estratégia de pesquisa que têm como proposta a participação dos grupos sociais na busca de soluções para as

problemáticas vividas, envolvendo um processo de compreensão e mudança da realidade.

Os autores mencionam ainda que, para desenvolver uma metodologia participativa, é necessária uma mudança na postura do pesquisador e dos pesquisados, uma vez que todos são coautores do processo de diagnóstico da situação-problema e da construção de vias que possam resolver as questões.

O papel do pesquisador na pesquisa-intervenção apresenta-se como um intelectual orgânico às causas populares. Na amplitude e complexidade do cenário a ideia de “verdade” é relativizada e a neutralidade, a objetividade e a totalização dos saberes, pilares das ciências tradicionais, são relativizados (ibid).

Outros dois autores, Rodrigues e Souza (1987, p.67),

Evidenciam que a pesquisa-intervenção representa uma crítica à política positivista de pesquisa: trata-se, agora, não de uma metodologia com justificativas epistemológicas, e sim de um dispositivo de intervenção no qual se afirme o ato político que toda investigação constituiu.

Além disso, reconhece-se que na pesquisa-intervenção acentua-se todo o vínculo entre a gênese teórica e a gênese social dos conceitos, o que é negado implícita ou explicitamente nas versões positivistas tecnológicas de pesquisa. Enfim, o processo de formulação da pesquisa-intervenção amplia as bases teórico-metodológicas das pesquisas participativas, enquanto proposta de atuação transformadora da realidade sócio-política.

Na visão de Coimbra (1985), a pesquisa-intervenção afirma um caráter desarticulador das práticas e dos discursos instituídos, inclusive aqueles produzidos como científicos, substituindo-se a fórmula “conhecer para transformar” por “transformar para conhecer”. Sendo assim, para a formulação da pesquisa-intervenção necessita-se de referências importantes como certa concepção de sujeito e de grupo coerente com práticas de liberdade e de ação transformadora.

Ainda na concepção de Patto (1993) as mudanças passam pela subjetividade, pela ação ativa dos atores, e se constitui em um processo lento e celular, incompatível com as políticas de produtividade implementadas na atualidade.

Neste tipo de pesquisa, não se visa à mudança imediata da ação instituída, pois a mudança é consequência da produção de outra relação entre a teoria e prática, assim como entre sujeito e objeto.

Cabe destacar, afinal, os aspectos que norteiam o desenvolvimento da pesquisa-intervenção: a mudança de parâmetros de investigação no que tange à neutralidade e à objetividade do pesquisador, acentuando-se o vínculo entre gênese teórica e social, assim como a produção concomitante do sujeito e do objeto, questionamento dos especialismos instituídos, ampliando as análises do nível psicológico ao microssocial.

Defendo a perspectiva de que pesquisa é, assim, ação, construção, transformação coletiva, análise das forças sociais, históricas e políticas que atuam nas situações e das próprias implicações, inclusive dos referenciais de análise. Enfim, conflitos e tensões são as possibilidades de mudança, pois evidenciam que algo não se ajusta, está fora da ordem, transborda os modelos.

Desta forma, tais experiências caminham no sentido da articulação entre teoria/prática e sujeito/objeto, na medida em que o conhecimento e a ação sobre a realidade se fará na investigação das necessidades e interesses locais, na produção de formas organizadas e de uma atuação efetiva sobre essa realidade, podendo levar a transformações sociais e políticas.

Caracterização da Instituição

A UMEI (Unidade Municipal de Educação Infantil) em questão foi inaugurada em dezembro de 2011 e representa uma conquista da comunidade. Ela foi construída em um terreno onde antes era uma lagoa e também espaço onde a comunidade depositava objetos e lixo doméstico. A comunidade teve um importante papel para a realização deste projeto social. Trata-se de uma obra do orçamento participativo.

A instituição está vinculada a uma escola Municipal da regional Venda Nova, visto que toda unidade, por determinação da SMED (Secretaria Municipal de Educação), deverá pertencer a uma escola “polo” de ensino fundamental, da prefeitura de Belo Horizonte, na mesma regional.

Todas as Unidades Municipais de Educação Infantil de Belo Horizonte terão suas ações pedagógicas respaldadas legalmente pelo documento denominado como Proposições Curriculares para Educação Infantil, cujo objetivo principal é nortear o trabalho na educação da primeira

infância visando um atendimento de qualidade às crianças de zero a cinco anos do município. E no tocante a temática da pesquisa “Avaliação na educação infantil”, o documento traz as seguintes contribuições e registros: “Na educação infantil, a avaliação deve ser realizada na perspectiva de analisar se as condições oferecidas estão de acordo com as necessidades e características de cada grupo de crianças”. A avaliação deve ser o meio através do qual os adultos acompanhem os processos de desenvolvimento das crianças, adequando as práticas realizadas a fim de que elas ofereçam experiências significativas e efetivas em sua aprendizagem.

O que se propõe é uma avaliação que busque entender as práticas pedagógicas e suas efetivas contribuições para o desenvolvimento das crianças, ao contrário de modelos avaliativos que pretendem, unicamente, medir e enquadrar as crianças. Busca-se a superação de propostas avaliativas baseadas no mérito, no resultado, desconsiderando os percursos estabelecidos por todos os envolvidos no processo.

No âmbito nacional temos como amparo legal o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010). O primeiro afirma o seguinte a respeito da avaliação na educação infantil:

A avaliação é entendida, prioritariamente, como um conjunto de ações que auxiliam o professor a refletir sobre as condições de aprendizagem oferecidas e ajustar sua prática às necessidades colocadas pelas crianças. É um elemento indissociável do processo educativo que possibilita ao professor definir critérios para planejar as atividades e criar situações que gerem avanços na aprendizagem das crianças. Tem como função acompanhar, orientar, regular e redirecionar esse processo como um todo (RCNEI, 1998, p.59).

Torna-se importante, na prática diária do professor o hábito de selecionar atividades dos alunos para analisar a sua evolução, tornando a avaliação uma ação constante em sala de aula, de acordo com o RCNEI (1998, v.1, p.60): “Para que possa se constituir como um instrumento voltado para reorientar a prática educativa, a avaliação deve se dar de forma sistemática e contínua, tendo como objetivo principal a melhoria da ação educativa”.

Nas DCNEI encontramos:

As instituições de Educação Infantil devem criar procedimentos para acompanhamento do trabalho pedagógico e para avaliação do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação, garantindo:

- ✓ A observação crítica e criativa das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano;
- ✓ Utilização de múltiplos registros realizados por adultos e crianças (relatórios, fotografias, desenhos, álbuns etc.);
- ✓ A continuidade dos processos de aprendizagens por meio da criação de estratégias adequadas aos diferentes momentos de transição vividos pela criança (transição casa/instituição de Educação Infantil, transições no interior da instituição, transição creche/pré-escola e transição pré-escola/Ensino Fundamental);
- ✓ Documentação específica que permita às famílias conhecer o trabalho da instituição junto às crianças e os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança na Educação Infantil;
- ✓ A não retenção das crianças na Educação Infantil. (DCNEI, 2010, p.29).

A avaliação passa a ser um processo contínuo, porque o importante não é apenas a aprendizagem que já ocorreu, mas aquela que está no processo de construção. Os erros das crianças possibilitam compreender como elas pensam e, a partir daí, ampliar suas formas de pensar. Portanto a avaliação é também um diagnóstico para se definir as intervenções pedagógicas necessárias, e não um instrumento definitivo ou definidor apenas do que a criança sabe ou não sabe.

Por fim, vale lembrar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) que assim se pronuncia a respeito da avaliação na educação infantil: “Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental” (Lei 9394/96, artigo 31).

A UMEI em questão possui um visual moderno, atraente e colorido, área de recreação, 12 salas de aula, sala de professores, sala de multiuso, sala de direção, sala de coordenação, refeitório, cantina, cozinha, lavanderia, fraldário e banheiros com instalações sanitárias adequadas para as crianças.

A instituição foi projetada para atender crianças pequenas em todas as suas áreas de desenvolvimento e em todos os aspectos. Assim a UMEI prioriza o atendimento a crianças do primeiro ciclo da infância: 0 (zero) a 2(dois) anos e o segundo ciclo da infância: 3(três) anos à 5(cinco) anos e oito meses. Atualmente atende a 440 crianças, divididas entre os turnos parcial e integral. A escola, junto com a comunidade, busca desenvolver atividades culturais, valorizando as relações sociais e mostrando as diversidades culturais.

Trata-se de uma instituição que possui construção moderna, com espaços amplos e próprios para atender crianças. O espaço externo possui ampla arborização e muito verde e conta

com área gramada. Além de escadas de acesso ao segundo piso, conta também com elevador para atender crianças com necessidades especiais. Neste espaço as crianças usam a imaginação e a criatividade.

Há, ainda, um espaço para apresentações artísticas, mini teatro aberto, pista de cimento para brincadeiras com velotrol... O parque conta com brinquedos fixos como escorregadores, balanços e brinquedos de plástico como casinha de boneca e escorregador. Esta área externa é bem aproveitada para as atividades recreativas e pedagógicas.

A utilização dos espaços coletivos da unidade é organizada através de um horário semanal e por turma. As ações educativas são desenvolvidas pela coordenação pedagógica juntamente com o grupo de professores, adequando às atividades de acordo com cada faixa etária.

A instituição conta com uma organização administrativa que são os profissionais envolvidos nas ações educativas da UMEI: direção e vice-direção, coordenação pedagógica, corpo docente, auxiliar de secretaria, faxineiras, cantineiras, porteiros, vigias e apoios de inclusão, proporcionando aos alunos exemplo pessoal de integridade moral e cívica.

Por ser uma instituição nova com apenas um ano, o projeto político-pedagógico se encontra em processo de construção.

Cabe destacar que as professoras entrevistadas atuam no berçário da UMEI no turno da tarde e foram escolhidas de acordo com a disponibilidade de horário e do grande interesse que demonstraram desde o início em participar da pesquisa. As demais professoras que participaram do segundo momento da intervenção, devido à proposta por parte da coordenadora pedagógica da instituição, atuam nas turmas das crianças do integral, três, quatro e cinco anos e, no tocante, deram ricas contribuições para o presente estudo.

3- DISCUSSÃO DOS ACHADOS

“aprender a avaliar a aprendizagem é uma tarefa que está posta diante de nós”. Contudo, não podemos nos esquecer de que os exames escolares acompanharam muitos anos de vida escolar na história da modernidade. Para mudar isso, há que se aprender um novo modo de ser e de agir, abrindo mão de antigos conceitos que estão em nós impregnados, inclusive em relação às maneiras que utilizamos para avaliar um educando
(LUCKESI, 2011).

Sobre quem são os bebês e as ações pedagógicas desenvolvidas no berçário

Durante muitos anos os bebês foram descritos e definidos principalmente por suas fragilidades, suas incapacidades e sua imaturidade. Porém, nos últimos tempos, as pesquisas vêm demonstrando as inúmeras capacidades dos bebês. Temos, cada vez mais, um maior conhecimento acerca da complexidade da sua herança genética, dos seus reflexos, das suas competências sensoriais e, para além das suas capacidades orgânicas, aprendemos que os bebês também são pessoas potentes no campo das relações sociais e da cognição (BARBOSA, 2010).

Diante das pesquisas atuais, convém conceber os bebês como sujeitos protagonistas de suas aprendizagens e logo, repensar as práticas pedagógicas que lhes são oferecidas nas instituições escolares, que muitas vezes enxergam os bebês, sem interesses, iniciativas, sentimentos e desejos, desconsiderando as suas capacidades e dando-lhes um tratamento de meros receptores de cuidados. É tarefa do professor reconhecê-los e valorizá-los em suas potencialidades.

É importante destacar o grande interesse das professoras do berçário e dos outros ciclos, em participar das entrevistas e da formação realizada. Durante todo o período demonstravam interesse em buscar novas fontes de informação, pois diziam estar carentes de formação e atualização, ainda mais no tocante ao berçário, que muitas vezes fica esquecido em meio às demandas dos ciclos das crianças de quatro e cinco anos. A participação foi intensa e trouxe ricas contribuições para a pesquisa. E o curioso é que tanto na primeira formação, realizada somente com as professoras do berçário, quanto na segunda formação realizada com todo o corpo docente, ao final chegou-se a um consenso de que apesar de apresentar rotinas diferenciadas, se

avaliam os mesmos aspectos motores, afetivos, cognitivos e são utilizadas as mesmas ferramentas.

Ao realizar as entrevistas com as professoras que atuam no berçário da instituição pesquisada, podemos perceber, em seus relatos, a visão que possuem sobre as ações que são desenvolvidas com os bebês daquela instituição:

A: No berçário como não tem muito papel, eles não fazem muito as coisas... [...] No berçário não se usa muito papel, não se usa muito desenho, essas coisas não (exceto de transcrição da entrevista de 07 de junho de 2013).

Fico a pensar nas múltiplas atividades pedagógicas realizadas com os bebês, de forma tão intensa, e, ainda assim, muitas vezes não tem visibilidade, deixam de ser consideradas no momento da avaliação. A falta do registro, no papel, dificulta o exercício de avaliar, ou seja, não se tem recursos palpáveis. Por esse motivo as professoras acreditam que os bebês não fazem muitas coisas, devido à falta da sistematização dos registros limitando e minimizando, muitas vezes, as ações pedagógicas com os bebês.

Os bebês são ativos e interessam-se pelo mundo desde o seu nascimento, assim sendo, surge uma nova concepção sobre os bebês, entendendo-os como seres únicos e complexos que, desde a tenra idade, desenvolvem várias habilidades.

A partir da compreensão de quem são esses bebês, surge a necessidade da construção de práticas educativas que atendam e contemplem as singularidades e as especificidades desta faixa etária. A avaliação é uma delas.

As concepções contemporâneas sobre os bebês, a infância, a aprendizagem e a educação nos encaminham para a compreensão de um currículo que vislumbre o desenvolvimento integral de crianças nas suas dimensões: expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural compreendendo as crianças em sua multiplicidade e indivisibilidade (BARBOSA, 2010).

Para propor ações que realmente tenham um significado para os bebês é necessário primeiramente conhecer quem são estes sujeitos e do que eles precisam para se desenvolverem integralmente. Assim é possível oferecer-lhes estratégias que contemplem suas especificidades, considerando que estes bebês possuem um corpo que pensa, age e interage com o mundo, e com

as pessoas que os cercam. O bebê é um sujeito dotado de potencialidades e que vai conhecer o mundo através das interações com o outro.

No decorrer das entrevistas realizadas com as professoras que atuam no berçário pudemos destacar que todas elas mencionam que, a partir da rotina da turma, se avalia mais a parte motora e a linguagem oral. Podemos ver isto através de algumas falas das professoras durante as entrevistas:

M: avalia o aspecto motor, de andar, engatinhar, de sentar, a fala, levando em consideração a faixa etária também e a afetividade das crianças (excerto de transcrição da entrevista de 04 de junho de 2013).

L: você observa a linguagem oral, a linguagem corporal da criança (excerto de transcrição da entrevista de 06 de junho de 2013).

Diante da análise das falas fica aparente a ausência de uma pedagogia voltada para as múltiplas linguagens, centralizada nas brincadeiras e nas relações sociais, que atenderiam os bebês em seu desenvolvimento integral. As propostas pedagógicas dirigidas aos bebês devem ter como objetivo garantir-lhes acesso aos processos de apropriação, renovação e articulação de diferentes linguagens. O currículo destinado aos bebês deve pleitear a imersão destas crianças em experiências com pessoas, objetos, constituindo uma história, uma narrativa de vida e a interação com as outras linguagens, como: a plástica, verbal, musical, corporal entre outras. Quando pensamos em uma pedagogia para os bebês, temos dúvidas sobre como propor este currículo, mas o mesmo deve partir da criação de uma vida com práticas sociais que possibilitem ampliar horizontes e vivências nas múltiplas linguagens, para que os bebês experimentem seus saberes.

Histórico: a avaliação no contexto da educação infantil

Os processos de implementação da educação infantil, no Brasil, foram desenvolvidos, em termos de políticas públicas, especialmente a partir dos anos 1970, concretizando-se como direito na Constituição de 1988.

De fato, a questão da avaliação na educação infantil insere-se na discussão histórica acerca de uma concepção assistencialista ou educativa para o atendimento às crianças. A exigência de um processo formal de avaliação parece surgir, mais propriamente, como elemento

de pressão das famílias de classe média por propostas legitimamente pedagógicas, para além do modelo de guarda e proteção do modelo assistencialista. A prática avaliativa, dessa forma, surge como um elemento de controle sobre a escola e sobre os professores que se veem com a tarefa de formalizar e comprovar o trabalho realizado via avaliação das crianças (HOFFMANN, 1996).

Assim, exigências a nível de controle de órgãos oficiais de educação, as diretrizes legais referentes a essa instância educativa encaminham-se, no sentido de impedir que a prática de avaliação venha a incorrer em caráter de controle, tal como por decisões de aprovação e reprovação à semelhança do ensino fundamental. Consta na LDB de 1996, artigo 31: “Na educação infantil, a avaliação far-se-á mediante acompanhamento do desenvolvimento da criança, sem julgamento de aprovação mesmo para o acesso ao ensino fundamental”.

E, outros documentos mais recentes, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEIs), de 2010, e as Proposições Curriculares do Município de Belo Horizonte para Educação Infantil, de 2013, a avaliação é entendida como um conjunto de ações que auxiliam o professor a refletir sobre as condições de aprendizagem, a definir critérios para planejar atividades que criem situações que possam gerar avanços na aprendizagem. Desse modo, a avaliação assume o viés de uma ação constante e sistemática, visando principalmente à melhoria da ação educativa.

Nessa perspectiva, a avaliação na educação infantil passa a ter um caráter não de julgamentos, mas sim de reflexão, devendo ocorrer cotidianamente, já que a criança está em constante evolução nos processos de aprendizagem e desenvolvimento.

Como podemos constatar, os documentos legais pesquisados, que amparam esta etapa educativa, apresentam a preocupação de resguardar as crianças das práticas e dos modelos avaliativos do ensino fundamental que tem dado maior ênfase aos resultados do que aos processos de aprendizagem das crianças.

Partindo do pressuposto de que nenhuma ação humana, nenhuma prática pedagógica é neutra, compreendo que as ações educativas são comandadas pelas nossas concepções e tudo o que realizamos tem intencionalidades. Nesse sentido, ao avaliar, as crenças e os preconceitos dos professores irão influenciar no processo de avaliação das situações, acontecimentos e logo, na aprendizagem das crianças.

De um modo geral, as concepções das professoras pesquisadas apontam para uma concepção de avaliação de julgamentos de resultados, sentenciva e que visa mensurar conhecimentos. Compreendo, afinal que o exercício que busque uma análise dos processos de ensinar, aprender e avaliar necessita avançar, principalmente no campo da educação de crianças pequenas, reconhecendo suas especificidades.

As práticas avaliativas acompanham o projeto educativo de cada instituição, ou seja, dependem da concepção que permeia a instituição, qual a sua importância e se esta ação é considerada uma atividade pedagógica fundamental. Diante do resultado das atividades desenvolvidas durante o processo de pesquisa na instituição, pude perceber que as práticas de avaliação estão embasadas em diversas concepções e que estas por sua vez, orientam as práticas desenvolvidas com as crianças.

Há uma concepção de avaliação dos professores que está fortemente atrelada a uma concepção sentenciva, de julgamentos e resultados. Isso significa que reduzem a avaliação a uma prática de registro de resultados acerca do desempenho do aluno em um determinado período do ano letivo. De um modo geral, a avaliação é entendida pelos professores como um processo necessário dentro da escola com o objetivo de obter dados e resultados de modo que se possa, numericamente, qualificar o desenvolvimento dos alunos.

Durante a formação sobre avaliação na educação infantil realizada na UMEI pesquisada, as reflexões e relatos das professoras deixaram clara esta visão acerca do processo avaliativo, uma vez que recorreram a exemplos do ensino fundamental, mas demarcam que, na educação infantil, o processo avaliativo acontece de maneira diferenciada, pois não há exigência de notas ou conceitos, estando os resultados da avaliação atrelados aos pareceres descritivos realizados pelo professor após meses de observação e atividades diagnósticas.

Parto do pressuposto de que a avaliação é importante em qualquer etapa educativa, pois se trata de um componente particularmente sensível de qualquer proposta curricular e exige uma competência especial dos profissionais da educação (ZABALZA, 2006; KRAMER, 2003).

Diante disso é importante ressaltar a necessidade de se avaliar as crianças no berçário, pois se trata de uma etapa educativa onde os bebês estão em pleno desenvolvimento de suas habilidades e conhecendo o mundo através do outro e das relações que estabelecem entre si e com os adultos que os cercam. É imprescindível, contudo, reconhecer o desafio dos profissionais

que lidam com esta faixa etária de estarem sempre buscando informação sobre quem são esses bebês, suas particularidades e quais as ações pedagógicas que atenderiam suas necessidades para além do cuidar.

Para Luckesi¹ (apud LIBÂNEO, 1994) a avaliação é uma apreciação qualitativa, sobre dados relevantes dos processos de ensino e aprendizagem, que auxilia o professor a tomar decisões sobre o seu trabalho. No caso do trabalho com crianças do berçário, os professores continuamente estão observando, realizando intervenções, avaliando e adequando as ações pedagógicas às necessidades, desejos e potencialidades do grupo. A partir disso traçam estratégias que possam oferecer aos bebês ferramentas para compreender o mundo.

Dentre as várias concepções apontadas durante os relatos obtidos nas entrevistas e na formação sobre avaliação, os termos **medir** e **avaliar** foram apontados com significados distintos, mas, relacionados ao processo de avaliação:

M: a avaliação ela serve para medir o desenvolvimento da criança (excerto de transcrição da entrevista de 04 de junho de 2013).

S: medir estava ligado mais a notas e conceitos e avaliar estava ligado a processo e acompanhamento (excerto de transcrição da formação de 14 de agosto de 2013).

L: avaliar é mais complexo, exige mais tempo, é mesmo um processo que tem que ser observado diariamente e medir é mais rápido, sabe ou não (excerto de transcrição da formação de 14 de agosto de 2013).

De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa Silveira Bueno, o verbete medir significa “estimar, determinar a extensão ou quantidade, calcular, mensurar”. Já avaliar diz respeito a “determinar valor de, compreender, apreciar, prezar, conhecer o seu valor”. Assim, concluo que a compreensão de muitos professores é de que “tudo pode ser medido”, sem que se deem conta de que muitas notas são atribuídas arbitrariamente, ou seja, por critérios individuais, vagos e confusos, ou precisos demais para determinadas situações (HOFFMANN, 1996, p.41).

Para Hoffmann (1991) a palavra medida, principalmente, recebe várias definições e assume uma ampla e difusa conotação. Pelo seu significado próprio, medimos extensão, quantidade, volume e outros atributos dos objetos e fenômenos. Na minha percepção, os

¹LIBÂNEO, J.C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

professores não definem e nem compreendem o termo medida com clareza, nem o utilizam no sentido de que nem tudo pode ser medido numericamente. O que acontece é a atribuição de graus numéricos a vários aspectos relacionados à vida da criança na escola.

Hoffmann (2006) afirma que há um paradigma de avaliação pautado na classificação dos alunos que se guia pelo modelo do “transmitir-verificar-registrar”, sem considerar as especificidades do desenvolvimento infantil. Esse aspecto é ainda mais preocupante no âmbito do berçário, pois, apesar de os bebês estarem presentes na educação infantil, as propostas pedagógicas ainda não contemplam as especificidades necessárias para seu desenvolvimento integral.

Kramer afirma que “[...] é necessário que a clássica forma de avaliar, buscando os erros e os culpados, seja substituída por uma dinâmica de avaliação capaz de trazer elementos de crítica e de transformação ativa para o nosso trabalho” (2003, p.95). Aqui relembro, inclusive, o objetivo da pesquisa intervenção que é de ir a campo, buscar dados, refletir e (re) construir, junto com as partes envolvidas no processo educativo, possibilidades de transformar a realidade, o modo de pensar, as concepções e posturas pedagógicas, dialogando teoria e prática.

É comum relacionar “avaliação com exame, com mensuração por meio de provas, com qualificações, com angústias, êxitos e fracassos” (ZABALZA, 2006, p.6). Portanto, falta a cultura da avaliação na educação infantil, entendida como um processo que obriga os educadores a rever suas ideias e práticas, ao mesmo tempo em que aponta para a necessidade da tomada de consciência dos pontos fortes e fracos da atuação docente.

Ainda na formação sobre avaliação, realizada na escola pesquisada, um dos pontos mais relevantes, foi o do exercício da memória sobre as práticas avaliativas no período inicial da escolarização das professoras. Elas fizeram diversas colocações sobre esse período e, na maioria dos relatos, as vivências não foram positivas. O processo, para várias delas, foi muito difícil e traumático, foi marcado por testes, provas e professores que fizeram destas práticas avaliativas um período pouco prazeroso que marcou, selecionou, reprovou e deixou marcas negativas que refletem em suas vidas até os dias de hoje.

Em um dos relatos uma das professoras disse que ela e uma amiga, que estudavam na mesma classe, fizeram um teste para verificar o nível de aprendizagem dos alunos e isto resultou na separação da turma em duas salas. Essa professora, então com a pouca idade de oito anos,

percebeu que não tinha se saído bem na avaliação e que a sua amiga era, supostamente, “mais inteligente” e ainda que ela ia para outra classe. Tal experiência a marcou para sempre e, depois disto teve dificuldades em matemática, por exemplo, além de ter sofrido muito com a suposta separação. Foi um trauma para ela.

Não apenas nesse, mas, em vários dos relatos das professoras podemos perceber o quanto o processo de avaliação, ainda na infância, trouxe marcas negativas:

E: Quando eu era criança, minha professora me puniu com a palmatória ao errar uma pergunta de arguição (excerto de transcrição da formação de 26 de agosto de 2013).

T: Uma vez eu estava desenhando e minha professora, por não ter gostado do desenho, arrancou a folha do meu caderno, dizendo que não era aquele tipo de desenho que ela havia pedido (excerto de transcrição da formação de 26 de agosto de 2013).

T: Hoje não consigo escrever com letra cursiva, pois tinha dificuldades ao fazer os movimentos da letra cursiva, a minha professora me obrigava e me fazia chorar ao exigir que tivesse uma letra bonita, me fazendo escrever no caderno de caligrafia (excerto de transcrição da formação de 26 de agosto de 2013).

Historicamente a avaliação é marcada por um caráter punitivo, de seleção, promoção, classificação, obtenção de resultados e julgamentos, desde o seu surgimento. No entanto, o que é essencial, por parte dos professores, é repensar o significado da ação avaliativa no âmbito da educação em geral, inclusive na educação infantil, desmistificando este tema gerador de tantas indagações e inseguranças, dando lugar a uma postura pedagógica que se contraponha a práticas avaliativas rotineiras e automatizadas, reprodutora de modelos preexistentes. Desta forma é possível que ocorra uma mudança na prática de planejar, propor objetivos e executar as ações pedagógicas, no sentido de atender a toda uma especificidade com um olhar diferenciado e reflexivo de todo o processo.

Acompanhamento, avaliação e instrumentos avaliativos

Ao longo do processo, a professora deverá constituir estratégias - através de distintos instrumentos como fotos, desenhos - para acompanhar tanto o seu trabalho pedagógico como para coletar dados sobre as crianças no que se refere

tanto à vida do grupo como aos processos vividos por todas as crianças individualmente (BARBOSA, 2010, p.13).

Em vários momentos das entrevistas realizadas com as professoras do berçário, foi dito que, o que mais utilizam em sua prática é a observação, o registro e o acompanhamento para organizarem, posteriormente, os relatórios de desenvolvimento individual das crianças. As fotos também são bastante utilizadas para demonstrarem parte da rotina e as atividades desenvolvidas durante os projetos da instituição.

Percebo que há uma preocupação em fazer os relatórios e portfólios com o objetivo de repassar às famílias, toda a dinâmica e desenvolvimento do dia a dia do berçário. Em vários trechos das entrevistas, as professoras apresentam este aspecto como um fator obrigatório e comum na escola.

Diante do relato de uma das professoras, compreendo que, apesar do esforço delas em mostrar as intenções pedagógicas que existem no berçário, a visão que as famílias têm sobre o trabalho realizado é muito mais no viés assistencialista, de “crechinha” como se referem à instituição do que pedagógico:

L: É que por muito tempo estar exercendo somente a função do assistencialismo é vista até hoje pelas famílias, pela comunidade como “crechinha”... que as famílias não imaginam o quanto de pedagógico tem nas atividades, tudo é preparado e tem intenções pedagógicas, ainda mesmo no berçário (excerto de transcrição da formação de 14 de agosto de 2013).

O cuidado que se deve ter quanto aos pareceres descritivos é para que não se tornem um instrumento que atenda somente ao interesse da família, no sentido de poder entender e controlar o trabalho desenvolvido com seus filhos, mas sim, um instrumento de reflexão sobre o desenvolvimento da criança e com significado pedagógico e que retrate, de fato, o que acontece com a criança naquela etapa em que se encontra.

Zabalza (2006) discute os tipos de avaliação em educação infantil, destacando que todos têm virtudes e limitações, portanto, há a necessidade de escolher e definir o instrumento mais adequado, de acordo com os objetivos que se pretende alcançar. Avaliar, na educação infantil, demanda pensar uma série de instrumentos que colaborem para que o educador verifique como a criança está em suas múltiplas formas de ser, expressar e pensar, o que significa conhecê-la para auxiliar e mediar seu desenvolvimento.

A partir dos relatos das professoras do berçário podemos perceber que na instituição existem várias ferramentas de avaliação que facilitam o processo tais como o portfólio e o relatório descritivo individual de cada criança. Apesar de uma das professoras dizer que tinha uma outra ideia do que seria um portfólio, verificamos que pelo menos duas ferramentas são adotadas naquela instituição e são consideradas adequadas e que atendem a proposta de avaliação da mesma:

M: Usamos o portfólio, fazemos o relatório semestral e utilizamos também o diário de bordo (excerto de transcrição da entrevista de 04 de junho de 2013).

L: Os relatórios são feitos semestralmente. É uma ferramenta de avaliação e acompanhamento durante todo o ano. A observação é diária (excerto de transcrição da entrevista de 06 de junho de 2013).

A observação é, de fato, o instrumento ou a forma mais usual de captar e entender o universo das crianças, porém Barbosa (2004) nos chama a atenção para o fato de que observar consiste em aprender a olhar e a escutar. Implica ainda olhar com hipóteses e com objetivos, de forma sistemática, um campo de observação delimitado, de cada vez, no momento em que as crianças estão em ação.

Quando se trata do trabalho no berçário, acrescenta-se um desafio a mais. Tradicionalmente a prática comum é privilegiar apenas o olhar do adulto.

O conhecimento adultocêntrico é imposto às crianças, considerando que ela não possui competência para analisar e dizer coisas importantes sobre a prática desenvolvida consigo. O ponto de vista adotado neste trabalho coloca-se sob outras perspectivas: a de que a infância é uma construção social e de que as crianças não são apenas reprodutoras daquilo que percebem do mundo dos adultos, muito pelo contrário, elas reinventam, recriam, reinterpretam a partir daquilo que veem e sentem. Sob esse ponto de vista, há que se considerar, nos processos avaliativos das crianças pequenas, também aquilo que elas apontam, ou seja, é preciso considerá-las também como sujeitos do processo e, conseqüentemente, como atores competentes para reorientar a prática de sua avaliação.

O exercício de avaliar crianças tão pequenas é difícil talvez pela falta de formação dos professores, no sentido de sua concepção de criança e de infância, e, também pelo fato de muitas

vezes estarem no berçário não por vontade própria e sim pela falta de opção e escolha, tudo isto, claro, seguindo a organização própria de cada instituição.

O espaço físico, a materialidade da instituição, também é outro fator que pode influenciar no momento de avaliar, pois, se o berçário não tiver um espaço que ofereça condições atrativas e lúdicas que garantam o desenvolvimento dos bebês, pouco se terá de subsídios que forneçam dados para consolidar a avaliação.

O espaço do berçário, em que foi realizada a presente pesquisa, é um espaço que possui poucos carrinhos, e isto dificulta a movimentação dos bebês pela parte externa da escola, o que faz com que permaneçam, no mesmo espaço, quase durante todo o dia. O espaço interno não apresenta cantinhos diversificados onde os bebês possam interagir com livros, caixas, túneis, sucatas, tapetes de sensações e outros. Compreendo que a movimentação em outros ambientes, bem como a convivência com outras crianças e adultos, e ainda, a disposição de cantinhos pedagógicos no espaço do berçário, valorizaria as ações pedagógicas e potencializaria ainda mais o momento da avaliação desses bebês.

É importante fazer alguns apontamentos sobre as estratégias que podem ampliar os instrumentos de registros e avaliação no âmbito do berçário. Os recursos tecnológicos como filmadoras, celulares etc., que dispomos hoje no mercado, se constituem um poderoso aliado dos professores com a finalidade de filmar as ações desenvolvidas com bebês no decorrer da rotina ou de uma atividade específica que será desenvolvida durante a realização dos projetos do berçário. Portanto, vídeos das ações dos bebês durante a sua rotina, se torna um excelente recurso material no tocante a coleta de dados, que auxiliarão no momento de avaliar os bebês em diversos aspectos.

Outra estratégia importante é fazer parceria com as famílias de modo que as mesmas não tenham somente a função de usuárias de um serviço público, mas colaboradoras, co-autoras do processo educacional das crianças. A interação da escola com as famílias é muito importante e deve ser um critério fundamental no momento da avaliação das crianças.

E como último apontamento, ressalto que as instituições abram um espaço maior para o encontro e a interlocução com pessoas qualificadas e o compartilhamento de experiências e concepções no interior das instituições entre os professores, com a finalidade de argumentar,

planejar, explicitar objetivos, constituir coerência, princípios educativos, a fim de dialogar sobre a educação das crianças pequenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve como objetivo analisar a visão das professoras que atuam no berçário sobre a avaliação das crianças atendidas nesta turma. Para tanto, buscamos identificar como ocorre o processo avaliativo no berçário, bem como perceber quais os aspectos do desenvolvimento dos bebês são importantes de serem avaliados e por fim, apontar estratégias que ampliem os instrumentos de registro e avaliação das crianças no âmbito do berçário.

Partindo da premissa que as professoras procedam a uma avaliação comprometendo-se com a melhoria do aprendizado e desenvolvimento das crianças e do seu próprio fazer pedagógico, é fundamental que elas saibam quais as concepções de criança, de infância, de aprendizagem e de desenvolvimento servem de base a suas ações, bem como os objetivos da ação pedagógica. Aquilo que sabemos e pensamos sobre as crianças vai influenciar diretamente nossa forma de olhar para elas e posteriormente norteará o melhor caminho para avaliá-las.

Percebemos durante os relatos das professoras, tanto nas entrevistas exploratórias realizadas quanto nos momentos de formação sobre avaliação, que elas possuem uma concepção pouco positiva sobre o tema, e esta foi construída de acordo com influências recebidas e experiências vivenciadas enquanto sujeitos: como crianças, como alunas, como mulheres e como profissionais da educação infantil.

E o desafio e objetivo final deste estudo é justamente mudar esta concepção, entendendo que a avaliação na educação infantil e principalmente das crianças do berçário, não consiste apenas em medir, comparar, ou julgar, mas tem seu peso maior no fazer educativo, sendo parte integrante da proposta curricular e de suma importância nas atitudes e estratégias que devem nortear o fazer docente.

De fato avaliar crianças tão pequenas como os bebês, se torna tarefa difícil, uma vez que as professoras estão imersas a uma concepção de avaliação de julgamentos e notas, utilizando-se da mesma como instrumento de classificação somente, e sabemos que na educação infantil, a finalidade básica da avaliação é contrária a esta ideia e defende que o processo sirva para intervir, para tomar decisões, para observar a evolução e o progresso da criança e principalmente para planejar se necessário, intervenções e modificações nas ações pedagógicas das instituições. E também acredito que esta dificuldade é ampliada devido à falta de uma sistematização de

instrumentos avaliativos que realmente assuma a função de fazer uma avaliação significativa que atenda as especificidades que esta etapa da infância exige.

Considero que a intervenção realizada na instituição pesquisada teve a priori seu objetivo alcançado, pois nasceu naquele grupo de professoras a vontade e o interesse de buscar conhecimentos específicos desta instância educativa e a partir daí, propuseram a coordenação e direção da instituição que o tempo das reuniões pedagógicas fossem dedicados aos estudos sobre temas específicos da educação infantil e principalmente no tocante as crianças de zero a três anos, uma vez que na maioria das oportunidades ficam destinadas a assuntos administrativos.

Outras ações também estão sendo vistas em relação ao berçário, as professoras estão idealizando cantinhos pedagógicos no espaço e já está sendo confeccionado um circuito, feito de cano PVC com diversos materiais e objetos visando a estimulação motora, lúdica e visual, pois perceberam a necessidade de ofertar um ambiente mais rico e estimulador aos bebês, a fim de transformar o espaço em um outro educador, e através dessa ação, obter mais subsídios e dados sobre o desenvolvimento dos bebês em vários aspectos, consolidando e potencializando ainda mais o processo de avaliação no espaço do berçário.

Diante da análise dos dados obtidos durante a intervenção, percebo a falta ou a mínima formação com as professoras do berçário e do integral, acerca das especificidades que permeiam estes espaços, focando principalmente que o berçário se constitui em um espaço não só de cuidados, mas também de intenções pedagógicas. É comum este pensamento por parte das professoras do integral, que os bebês e as crianças de zero a três anos, não necessitam de projetos, planejamentos e estratégias, de rodas de histórias e músicas, diálogo e escuta, experimentação de outros ambientes e convívio com crianças maiores, privilegiando assim o eixo do cuidar ficando o eixo do educar para um segundo plano ou se caso tiver tempo e/ou oportunidade.

Enfatizo a necessidade de continuar o debate e reforço o convite a esta reflexão a acerca da avaliação na educação infantil e principalmente no âmbito do berçário, na busca por maiores resultados e legitimidade. E que este convite à reflexão se estenda aos cursos de formação inicial e continuada das professoras que almejam atuar nesta instância educativa, no sentido que ao exercerem a prática docente estejam mais preparadas, com uma visão ampliada e atualizada sobre o tema, considerando a possibilidade de mudanças e que conheçam todas as singularidades desta etapa e da disponibilidade que a educação de crianças pequenas requer e exige deste profissional.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, K. F. e ROCHA, M. L. **Práticas Universitárias e a Formação Sócio-política.** **Anuário do Laboratório de Subjetividade e Política.** n° 3/4,1997, pp. 87-102. Acesso em: 14 Abr. 2013.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **As especificidades da ação pedagógica com os bebês.** 2010. <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=&gid=6670&option...> Acesso em : 14 Abr. 2013.

BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ. Eulália, Teresa, Isabel. **Aprender e ensinar na educação infantil.** Tradução Cristina Maria de Oliveira. – Porto Alegre: Artmed, 1999.

BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. **Proposições Curriculares para Educação Infantil.** Belo Horizonte: SMED, Jun 2013.

BRASIL. MEC, CNE. Resolução CEB n. 05, 17 dez. 2009. Institui as **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília, DF, 18 dez. 2009.

BRASIL, MEC, SEF. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB.** Lei no. 9394/96. Brasília. MEC, 1996.

CAMPOS, Maria Malta et al . **A qualidade da educação infantil: um estudo em seis capitais Brasileiras.** Cad. Pesqui., São Paulo, v. 41, n. 142, Apr. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.org>. Acesso em: 14 Abr. 2013.

COIMBRA, C.M. B. **Os Caminhos de Lapassade e da Análise Institucional: uma Empresa Possível.** Revista do Departamento de Psicologia da UFF, vol 7, nº 1, 1995, pp. 52-80.

HOFFMANN, Jussara M.L. **Avaliação: mito e desafio - uma perspectiva construtivista.** Educação e Realidade, Porto Alegre, 1991.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança –** Porto Alegre: Mediação, 1996. (Cadernos de Educação Infantil, v.3).

HOFFMANN, Jussara. **O jogo do contrário em avaliação -** Porto Alegre: Mediação, 2009.

KRAMER, Sonia. Currículo de Educação Infantil e a Formação dos Profissionais de Creche e Pré-escola: questões teóricas e polêmicas. In: MEC/SEF/COEDI. KRAMER, Sonia. **Propostas Pedagógicas e Curriculares: subsídios para uma leitura crítica.** In: Educação e Sociedade, Ano XVIII, n.60, dezembro, 1997.

LUCKESI, Carlos Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** São Paulo: Cortez, 2011.

LUDKE, Menga. **Avaliação Escolar**. Pátio revista pedagógica, São Paulo: n. 34 maio/julho 2005.

LUDKE; SORDI; Mara Regina de, Menga. **A Avaliação nos novos contextos e paradigmas educacionais**. Pátio revista pedagógica, São Paulo: n.50 Maio/julho 2009.

MALAVAZI; BERTAGMA; FREITAS. Maria Márcia Sigrist, Regiane Helena, Luiz Carlos de. **Avaliação: desafio dos novos tempos**. – Campinas. SP: Komedi, 2006. (Coleção – Avaliação construindo o campo e a crítica).

OLIVEIRA, M. D. e OLIVEIRA, R. D. **Pesquisa Social e Ação Educativa: Conhecendo a Realidade Para Poder Transformá-la**. In C. R.PATTO, M. H. S. A Produção do Fracasso Escolar. São Paulo: Queroz, 1993.

PATTO, M. H. S. **A Produção do Fracasso Escolar**. São Paulo: Queroz, 1993.

ZABALZA, Miguel Angel. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed,1998.